

## “TÁ ESTRESSANTE DEMAIS”: impacto da pandemia do Coronavírus na vida das mulheres

Lindamir Casagrande<sup>1</sup>  
Tânia Gracieli Vega Incerti<sup>2</sup>  
Lucas Bueno de Freitas<sup>3</sup>

### RESUMO:

O objetivo deste artigo é apresentar a percepção de mulheres mães sobre as mudanças ocorridas em sua rotina no período de pandemia do Coronavírus. A coleta de dados se deu por meio de um questionário online composto por perguntas objetivas e descritivas disponibilizado nas redes sociais respondido por 174 mulheres, destas, 160 mães. Os resultados apontam para o aumento da carga de trabalho doméstico, o abandono do trabalho remunerado em prol do dia-a-dia familiar e sentimento de culpa, por avaliar não conseguir realizar todas as atividades como deveriam, principalmente perante a necessidade de acompanhar os/as filhos/as em aulas a distância.

**Palavras-Chave:** Mulheres; Quarentena; Rotina Familiar.

### ABSTRACT:

The purpose of this article is to present the perception of women mothers about the changes that occurred in their routine during the Coronavirus pandemic period. Data collection took place through an online questionnaire composed of objective and descriptive questions made available on social networks answered by 174 women, of these, 160 mothers. The results point to an increase in the burden of domestic work, the abandonment of paid work in favor of family day-to-day and feelings of guilt, for evaluating not being able to carry out all activities as they should, especially in view of the need to accompany / children in distance classes.

**Key words:** Women; Quarantine; Family Routine.

---

<sup>1</sup> Mestra (2005) e doutora (2011) em Tecnologia pelo PPGTE/UTFPR e graduada em Ciências Com Habilitação Em Matemática pela Fundação de Ensino Superior de Pato Branco (1990). Estágio Pós-Doutoral em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos pelo PPGNEIM/UFBA (2015). Professora de Matemática do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (de 1994-2017 e professora do PPGTE desde 2014 (atuo como professora voluntária desde 2017). Atua nas seguintes áreas: educação, relações de gênero, Gênero, Ciência e Tecnologia, história das mulheres. Tem experiência em cursos de formação de professores na temática de gênero e diversidade. Coordenadora editorial dos Cadernos de Gênero e Tecnologia. Pesquisadora do Núcleo de Gênero e Tecnologia - GeTec. Escritora de biografias de mulheres para o público infantojuvenil.

<sup>2</sup> Doutoranda em Tecnologia e Sociedade (UTFPR). Mestra em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Especialista em Gestão de Políticas, Programas e Projetos Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e em Serviço Social: Direitos e Competências pela Universidade de Brasília. Graduada em Serviço Social pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2003). Atualmente é assistente social do Instituto Federal do Paraná e Pesquisadora do Núcleo de Gênero e Tecnologia- GETEC/UTFPR

<sup>3</sup> Doutor em Tecnologia e Sociedade, pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Mestre em Tecnologia, pelo PPGTE/UTFPR, Especialista em Tecnologias e Educação a Distância pelas Faculdades Dom Bosco e Graduado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá e em Comunicação Institucional, pela UTFPR. Docente servidor público do Município de São José dos Pinhais - PR. Atua na áreas: (a) Gênero, (b) Ciência e Tecnologia e (c) Educação.

## INTRODUÇÃO

“Tá estressante demais”, essa foi a resposta de uma mulher, mãe e professora, ao perguntarmos sobre sua rotina com a nova realidade imposta pela pandemia da doença Covid-19. Não poder sair para trabalhar, suspensão das aulas, fechamento de espaços de lazer... a rotina familiar foi alterada, as mulheres se viram limitadas ao espaço doméstico, muitas com seus esposos/companheiros e filhos/as, além de outros/as familiares, muitas vezes, idosos/as.

Historicamente as mulheres tiveram suas vidas ligadas ao espaço doméstico, ao privado, sendo responsáveis pelo cuidado do lar e dos/as filhos/as. Por séculos justificou-se essa carga feminina de trabalho doméstico à sua natureza - aparentemente - frágil, maternal, cuidadosa e emocional.

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, essa é a frase mais clássica de Simone Beauvoir, filósofa, escritora e ícone do pensamento feminista. Para ela, “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino” (BEAUVOIR, 1970, p. 99). Anos se passaram e lutas foram travadas, feministas, acadêmicas, filósofas, como Beauvoir, se manifestaram, se fizeram ouvir. Como consequência as mulheres expandiram-se, ocuparam o espaço público, mas, por uma pandemia gerada pelo Coronavírus e sua consequente doença Covid-19, a mulher estava novamente dentro de casa em tempo integral.

É importante pontuarmos que compreendemos “mulher” não como uma categoria essencializada e definida por um órgão sexual. Existindo assim diferentes mulheres, as quais constituem suas identidades a partir das categorias de raça, classe e sexualidade, dentre outras. Todavia, aqui, nos deteremos à análise a partir da realidade das participantes da pesquisa, ou seja, mulheres e mães que em sua maioria são oriundas da classe média de uma capital e que nesse tempo de pandemia, muitas têm possibilidade de estar em home office.

Nós, enquanto acadêmicas/os, estudiosas/os de gênero e educadoras/es, ouvíamos relatos, conversávamos com nossas colegas educadoras sobre suas rotinas durante a pandemia e, uma vez academicamente conscientes dessa carga histórica machista e determinista, que limitava a mulher a conceitos construídos socioculturalmente e impostos em sua existência biológica, nos sentimos motivadas/os a

questionarmos e ouvirmos essas mulheres, trazendo seus relatos à luz da bibliografia feminista.

Destarte, o presente artigo ancora-se nos estudos feministas. Denise Thompson (2001) afirma que existe uma necessidade de tornar “público” os pesares “privados” das mulheres, e que esse foi o mote do feminismo, ora, o “público” é o espaço do consenso, para se alcançar acordos, portanto o debate deve acontecer em aberto, ou seja, o machismo deve ser desvelado, problematizado e então superado.

O objetivo deste estudo é analisar, sob a perspectiva feminista, a mudança da rotina de mulheres mães e/ou professoras durante a pandemia da Covid-19. Para isso, organizamos um questionário para ser respondido remotamente por mulheres, mães e/ou professoras. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) sob CAAE 34272820.4.0000.5547. O artigo que segue é um recorte desta pesquisa.

Mais que respostas, obtivemos desabafos, de mulheres que tiveram suas rotinas alteradas, até mesmo intensificadas com o período de quarentena/distanciamento social. Do excesso de trabalho doméstico à cessão do tempo de trabalho remunerado para cuidado da família, percebemos mulheres com sentimento de culpa, que mesmo fazendo muito, consideram que deveriam estar fazendo mais. Graças a referências históricas podemos inferir que a realidade das mulheres contemporâneas, em que pese os papéis socialmente impostos e aos estereótipos a eles inerentes, não difere muito da realidade das mulheres de séculos passados, em que se viam presas em tramas socioculturais deterministas geradas por uma sociedade patriarcal.

Ouvir essas mulheres e desvelar suas realidades é uma forma de trazer ao espaço público um debate necessário, para questionarmos papéis familiares e estereótipos de gênero ainda estanques, e que, uma vez superada essa pandemia, possamos celebrar uma existência feminina livre de rusgas estereotipadas, deterministas e machistas.

## **PESQUISA**

Esta pesquisa, de natureza qualitativa e de caráter descritivo/interpretativo, foi realizada com mães e professoras de diferentes escolas do Paraná (162 respondentes), São Paulo (6 respondentes) Mato Grosso (2 respondentes), Rio de Janeiro (3 respondente), Rio Grande do Sul (2 respondente) e Minas Gerais (1 respondente)

totalizando 174 participantes e teve como instrumento de coleta de dados um questionário *online*, criado na ferramenta *Google formulários*. Esse questionário continha aproximadamente 30 perguntas objetivas e 10 descritivas, que variaram conforme as categorias “mãe”, “mãe professora” e “professora” e foi encaminhado por meio de redes sociais (*facebook e whatsapp*). A coleta de dados foi realizada no período de 15 a 25 de agosto de 2020.

### **Quem são as participantes da pesquisa**

Em sua maioria, correspondendo a 60% das participantes, as respondentes residem e trabalham em Curitiba, capital do Paraná, 33% residem na região metropolitana ou municípios do interior do Paraná e 7% residem em outros estados. Do total de participantes 60% são mães, 32% são mães e professoras e 8% são professoras. Das respondentes, 79% são casadas ou em união estável, 11% são separadas ou divorciadas, 8% são solteiras e 1% é viúva. Em relação à faixa etária, a maioria das respondentes, totalizando 54%, têm entre 40 e 50 anos.

A maioria das participantes, representando 31% tem renda familiar que varia entre três e seis salários-mínimos, 20% situam-se no contexto de renda entre seis e 10 salários-mínimos, 19% têm renda superior a dez salários-mínimos, 17% têm renda entre um e três salários-mínimos, 3% têm renda inferior a um salário mínimo e 10% das respondentes preferiram não informar a renda familiar.

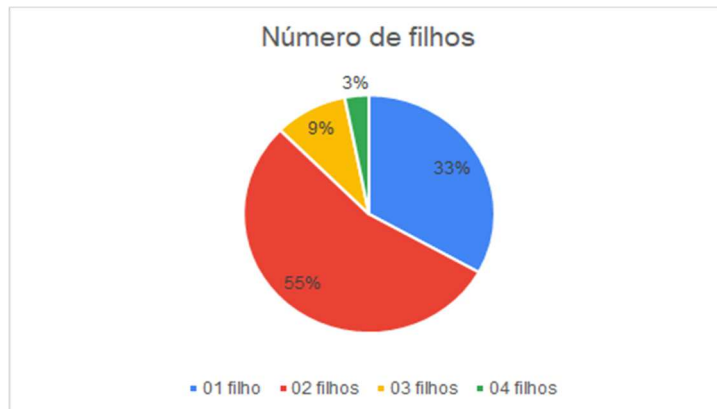
Com base nesse indicador podemos deduzir que a realidade das mulheres participantes da pesquisa é condizente com a realidade da maioria dos brasileiros, que conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) em 2018 tiveram um rendimento médio de R\$ 5.436,70<sup>4</sup>. Ao considerarmos as menores rendas das mulheres participantes, 20% têm rendas até R\$ 3.135,00, essa realidade difere positivamente do contexto brasileiro em que 23,9% da população à época da pesquisa realizada pelo IBGE vivia com uma renda de até R\$ 1.245,00. Cabe destacar que grande parte das participantes são docentes, ou seja, possuem o ensino superior como nível de escolaridade.

---

<sup>4</sup> Informação disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/10/04/239percent-das-familias-brasileiras-vivem-com-r-1245-mensais-em-media-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em 04 de set. 2020

## Número de filhos e faixa etária

Em relação ao número de filhos/as obtivemos as seguintes repostas:



Ao termos em vista os dados apresentados observamos que a grande maioria, totalizando 88%, possui famílias com um ou dois filhos/as.

Quanto à faixa etária dos/as filhos/as, esta distribui-se da seguinte forma: 8% têm entre 0 e 3 anos, 11% têm entre 4 e 5 anos 33% são crianças com idades entre 6 e 10 anos, 19% têm entre 11 e 14 anos e 29% têm mais de 15 anos. Com base nesses dados observamos que a maioria possui filhos/as com idade escolar que compreende o ensino fundamental.

## Nova rotina escolar x (+) atividades domésticas x(+) atividades laborais



Ao considerarmos as informações contidas no gráfico anterior, é gritante a observação de que esta nova rotina escolar, com atividades exclusivamente à distância, é um processo desgastante e estressante. Das respondentes, se somarmos as repostas em que conciliar as atividades de trabalho, sejam elas domésticas ou remuneradas, é estressante ou muito estressante, temos um total de 74% das repostas. Nesse sentido, ao



questionarmos as mães sobre o tempo destinado às atividades escolares dos/as filhas/as, após o início das aulas à distância, esse tempo aumentou, diminuiu ou permaneceu igual, 66% das mães responderam que aumentou, 24% mencionaram que não teve alteração e somente 10% informaram que diminuiu. Esses dados evidenciam que a carga sobre as mulheres aumentou com a nova rotina imposta neste momento de pandemia.

Com relação a quantidade de horas diárias destinadas ao acompanhamento das atividades escolares, 47% das respondentes dedicam-se em média de 1 a 2 horas, 30% de 2 a 4 horas, 11% de 4 a 6 horas, 4% das mães dedicam mais de 6 horas diárias e 8% informaram que não acompanham as atividades escolares dos/as filhas. Importa mencionar que ao aprofundarmos a resposta dessas mães que informaram não acompanhar as atividades, 6 dessas são mães de adolescentes e conforme mencionam, são mais independentes, e uma delas, mãe de uma criança do ensino fundamental, menciona muita culpa, pois como precisa trabalhar, não pode acompanhar devidamente seu filho.

## **MAIS DO QUE UM RELATO, UM DESABAFO**

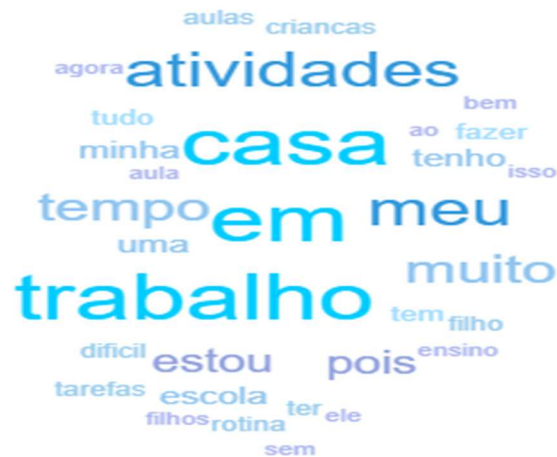
Os dados apresentados nos mostram quem são as mulheres dessa pesquisa. Vamos agora para a parte mais importante: o que elas têm a nos dizer sobre esse período de pandemia de Covid-19.

No questionário por elas respondido, havia a possibilidade de comentar sobre cada pergunta por nós feita e, no final, a liberdade de fazer um depoimento sobre o atual momento de quarentena/distanciamento social.

Instigamos ao final do questionário: “Relate seus sentimentos diante das mudanças na forma de ensino e em sua rotina familiar neste momento em que temos nosso cotidiano transformado pelo Coronavírus”. Com a ajuda de um programa de computador<sup>5</sup>, pudemos ter acesso a quantidade de vezes que uma determinada palavra foi utilizada nos relatos. O resultado é apresentado na “nuvem” abaixo, quanto maior a palavra, maior a quantidade de vezes utilizada.

---

<sup>5</sup> O programa de computador em questão é o *Word Cloud Generator*, integrado ao Google Docs.



As três palavras mais utilizadas foram: “em” (termo utilizado 63 vezes), “trabalho” (utilizada 62 vezes) e “casa” (também utilizada 62 vezes). O termo resultante da união gramaticalmente lógica dessas três palavras “trabalho em casa” – palavras não utilizadas necessariamente juntas pelas respondentes – diz muito sobre a história das mulheres.

Historicamente, as mulheres estiveram atreladas ao trabalho doméstico. O modelo ideal de família patriarcal é o homem trabalhando fora, trazendo o sustento financeiro e a mulher cuidando do lar, costurando, limpando e cozinhando, e dos/as filhos/as. Logo, o termo “trabalho em casa” não é novidade histórica para as mulheres. A historiadora Mary Del Priore (2014, p. 12-13), ao analisar o modelo familiar brasileiro nos primeiros séculos de colonização afirma:

Pobre ou rica, a mulher possuía, porém, um papel: fazer o trabalho de base para todo o edifício familiar - educar os filhos segundo os preceitos cristãos, ensinar-lhes as primeiras letras e atividades, cuidar do sustento e da saúde física e espiritual deles, obedecer e ajudar o marido. Ser, enfim, a “santa mãezinha”. [...] As mulheres pouco saíam de c

asa, empregando o tempo em bordados e costuras, ou no preparo de doces, bolos e frutas em conserva.

A mulher nunca deixou de trabalhar, mas era um trabalho que a prendia, a limitava socioeconomicamente, e a tornava dependente de um homem trabalhador remunerado - inicialmente o pai, posteriormente o marido -, ou seja, era um “trabalho em casa”, sem remuneração, sem prestígio e tampouco valorização.

O trabalho remunerado historicamente foi - e continua sendo - um campo de batalha para as mulheres. Beauvoir (1970) afirmava que é pelo trabalho que a mulher vinha diminuindo a distância (independência financeira e prestígio social) que a separava

do homem, e somente o trabalho poderia garantir uma independência concreta. A autora estava certa, a cada ano mulheres vêm assumindo postos de trabalho remunerado “naturalmente” indicados a homens, bem como postos de liderança e de prestígio, nos campos políticos e empresariais, e conseqüentemente superando a dependência financeira que as subjugam aos homens.

Porém, o direito ao trabalho remunerado e a assunção a postos historicamente assumidos por homens não vieram por concessões e benevolências masculinas, mas sim pela capacidade de inúmeras mulheres de exigirem o que as pertencia, tomando com as próprias mãos quando necessário (RAGO, 2012). O direito ao trabalho remunerado, à escolarização, dentre outros direitos humanos das mulheres é fruto de muita luta.

No entanto, um peso sócio-histórico-cultural, atrelado a figura feminina, persiste. Segundo Cristina Bruschini (2000, p. 16-17)

a manutenção de um modelo de família patriarcal, segundo o qual cabem às mulheres as responsabilidades domésticas e socializadoras, bem como a persistência de uma identidade construída em torno do mundo doméstico condicionam a participação feminina no mercado de trabalho a outros fatores além daqueles que se referem à sua qualificação e à oferta de emprego, como no caso dos homens. A constante necessidade de articular papéis familiares e profissionais limita a disponibilidade das mulheres para o trabalho, que depende de uma complexa combinação de características pessoais e familiares, como o estado conjugal e a presença de filhos, associados à idade e à escolaridade da trabalhadora, assim como a características do grupo familiar, como o ciclo de vida e a estrutura familiar. Fatores como esses afetam a participação feminina, mas não a masculina, no mercado de trabalho.

Ou seja, as mulheres estão/são livres para adentrar ao mercado de trabalho, porém, sua existência feminina permanece atrelada a questões que não atingem tão severamente os homens, como apontado por Bruschini (2000), como a idade da mulher e sua estrutura familiar, e, conseqüentemente, às exigências do trabalho doméstico.

A consequência dessa inserção das mulheres no mercado de trabalho e as permanentes obrigações - muitas vezes justificadas como naturais às mulheres - do trabalho doméstico geram a dupla jornada de trabalho, realidade de muitas mulheres brasileiras. Devem dar conta de seus trabalhos remunerados para complementar o salário do marido, ou até mesmo sustentar o lar, dado o crescente número de lares brasileiros sustentados por mulheres, bem como devem, ao chegar em casa após um dia exaustivo de trabalho, dar conta do trabalho doméstico, cozinhando e limpando, atividades muitas vezes não compartilhadas com os homens.

O Coronavírus e a nova onda do *home office* limitou o espaço público, agora, os dois espaços em que a mulher trabalhadora é obrigada a dar conta - trabalho e casa -,



confundem-se, sobrecarregando ainda mais essas mulheres, pois agora elas têm dois espaços sociais em um único espaço geográfico. Alguns dos relatos das respondentes nos mostram essa realidade:

*Estou sobrecarregada com meu trabalho. É mais difícil trabalhar em casa e cuidar de uma nova rotina<sup>6</sup> (Mãe professora, grifos nossos).*

*Muito difícil, dispor muito tempo para o trabalho, e ainda ter casa e filho para atender (Mãe, grifos nossos).*

*Muito cansativa. Entre atividades com as crianças e trabalho remoto como professora são mais de 16 horas e resta ainda a manutenção da casa e preparo das refeições (Mãe professora, grifos nossos).*

*Minha rotina de trabalho está exaustiva, não há mais hora de trabalho e hora de descanso, não tenho conseguido conciliar com as rotinas domésticas, mas o que mais incomoda é não conseguir dar atenção às duas filhas. Uma delas tem um ano e ainda não está na escola (Mãe professora, grifos nossos).*

*Eu tento manter uma rotina, tanto dos afazeres domésticos, quanto do meu trabalho e estudo das crianças. Procuo me organizar para dar conta de tudo. Mas estou bem e tranquila, geralmente o dia todo atarefada. Às vezes me estresso um pouco, as milhões de vezes em que sou solicitada, mas temos que manter a calma (Mãe professora, grifos nossos).*

As respostas expressam a dificuldade de estar em casa durante esse período de quarentena. Termos como “sobrecarregada”, “difícil”, “cansativa”, “exaustiva”, utilizada por essas participantes, foram comuns aos relatos, o que nos leva a refletir sobre a necessidade que as mulheres têm de “conciliação”, conciliar todas as obrigações que a elas recaem, o que as deixa, como indicou o último relato, “atarefadas”.

Dado que o ambiente doméstico - o privado - é um local historicamente e socioculturalmente construído como feminino, uma nova rotina com a inserção/migração do ambiente de trabalho - o público - para dentro dos lares, torna difícil o cotidiano das mulheres. E uma vez que essas mulheres não conseguem “dar conta” dos afazeres domésticos e do trabalho remunerado, surge um sentimento de culpa que pode resultar em doenças físicas e emocionais.

*Me sinto muito pressionada, procuro dar conta das coisas, mas receio surtar ou não aguentar. Sinto necessidade da casa-lar e estou meio saturada da casa-escritório (Mãe professora, grifos nossos).*

*O que mais incomoda é não ter tempo para estar com minhas filhas que acabam passando grande parte do dia assistindo desenho, o que acaba prejudicando meu psicológico e saúde emocional por me cobrar muito e ver a tristeza delas quando querem ficar comigo*

---

<sup>6</sup> Optamos por manter a grafia de acordo com a apresentada pelas participantes no formulário, sem fazer as correções de acordo com as normas gramaticais para manter a fidedignidade das respostas.

*eu estou em casa mas estou trabalhando, elas não conseguem entender (Mãe professora, grifos nossos).*

*Essa mudança ao mesmo tempo que entendo ser necessária, tem me deixado **frustrada e estressada, pois não estou conseguindo ser produtiva no trabalho**, e quando me proponho a trabalhar a noite para compensar, tem me causado muito **cansaço e dores musculares intensas** (Mãe, grifos nossos).*

*Me sinto cansada pelo número de atividades diárias, trabalho, estudo, sou mãe, dou atenção nas questões da escola, faço comida, lavo louça, faço as compras. **Não posso esquecer de ser filha e neta, tampou a amiga e namorada**. E o pior, **sempre me sinto culpada em relação ao meu filho**, por não dar a devida atenção. Mas é uma fase e vamos passar. Ele é maravilhoso comigo e compreensivo, mas é uma criança, espero que fique bem! (Mãe, grifos nossos).*

*Estou trabalhando mais, pois tenho que limpar a casa, trabalho intensamente de home office, cozinhar e acompanhar as atividades do meu filho. Em alguns dias minha agenda está muito cheia de reuniões e **não consigo atendê-lo da forma que gostaria** (Mãe).*

***Despreparada**, sobrecarregada com atividades que exigem meu tempo além da carga horária, **preocupada em não estar cuidando dos filhos como deveria** principalmente ajudando-os e apoiando. Com medo por estar em grupo de risco, e a todo momento sendo julgada e cobrada pelas equipes gestoras (Mãe professora).*

*Dedico pouco tempo na verdade, pq estou trabalhando e entendo as atividades como aula, digo para ele fazer e falar com a professora, mas **me sinto culpada**. **Gostaria de conseguir me dedicar mais**, mas as vezes sinto que iria me estressar mais e estressá-lo também (Mãe, grifos nossos).*

*Estou trabalhando ao extremo. Cheia de coisas pra fazer **sem dar conta de fazer um trabalho bem feito** (Mãe, grifos nossos).*

Percebe-se nos relatos que, por mais que as mulheres estejam trabalhando mais - elas reconhecem esse fato - ainda resta uma sensação de incapacidade e de culpa, de não estar fazendo o suficiente. Dado que a maioria das mães respondentes têm seus/suas filhos/as matriculados/as em escola particular (72%), vale ressaltar o estudo de Maria Angelo D’Incao (2012, p. 230), sobre o papel da mulher no seio da família burguesa. Segundo a autora

[...] a emergência da família burguesa, ao reforçar no imaginário a importância do amor familiar e do cuidado com o marido e com os filhos, redefine o papel feminino e ao mesmo tempo reserva para a mulher novas e absorventes atividades no interior do espaço doméstico. Percebe-se o endosso desse papel por parte dos meios médicos, educativos e da imprensa na formulação de uma série de propostas que visavam “educar” a mulher para o seu papel de guardiã do lar e da família - a medicina, por exemplo, combatia severamente o ócio e sugeria que as mulheres se ocupassem ao máximo dos afazeres domésticos.

A medicina avançou, a tecnologia e o movimento feminista nos trouxeram novas possibilidades, porém aquele “combate ao ócio” feminino pregado no processo de modernização brasileira do século XIX vem cobrando um preço muito alto das mulheres contemporâneas, pois, mesmo tendo consciência da dificuldade que o atual momento de

quarentena nos trouxe, as mulheres sentem que algo está errado (“gostaria de me dedicar mais”) ou incompleto (“não estou conseguindo ser produtiva no trabalho”). Os relatos afirmam: “me sinto pressionada”, “frustrada”, “não consigo atendê-lo como deveria”, essa noção de dever, de ter uma forma correta de cuidar do seu lar e dos/as filhos/as é resquício de uma sociedade em que a mulher não tinha outra opção senão a maternidade e os cuidados domésticos, em que elas eram desde jovens preparadas para esse carma. Conforme acentuado por Silvia Federici (2017) o patriarcado reduziu a feminilidade à maternidade e a maternidade para a mulher. É a prova de que a sociedade patriarcal permanece, senão através de leis e atitudes machistas, por autopressão por parte das mulheres. Nessa lógica, não causa espanto quando uma mulher relata que sente dores musculares intensas, o corpo cobrará o autoflagelo psicológico.

Aponta-se também que o fato de estar a todo o momento com os/as filhos/as intensifica as obrigações do “ser mãe”. A maternidade é algo idealizado, romantizado, em que a mãe deve sacrificar-se por sua prole e isso é socialmente imposto como inerente ao ser “mulher”. Nesse sentido, recorremos a Esther Vivas (2019, l. 60, tradução livre) a qual expõe que,

O mito da mãe perfeita e devota, casada, monogâmica, sacrificada por suas criaturas, feliz por fazê-lo, que sempre colocou os interesses dos filhos e filhas antes dos seus, porque ela não deveria ter os seus. Um mito que nos foi apresentado como atemporal, quando na realidade seus pilares são específicos da modernidade ocidental.

Porém, na atual realidade, não basta apenas ser mãe, o papel de mãe se confunde com o papel de educadora.

*É sendo necessário monitorar o tempo todo, cobrar se fez, não esqueceu, depois verificar, corrigir junto, lembrar das aulas online, auxiliar a participar, postar tarefas, acompanhar as postagens e correções... muitas vezes passo o dia inteiro intercalando a casa com as tarefas escolares (Mãe, grifos nossos).*

*Estressante porque além de ajudarmos nas atividades escolares temos as atividades domésticas, preocupações com saúde, preocupações financeiras. Estamos vivendo um momento muito delicado e acho que não cabe tantas cobranças das crianças e familiares. Afinal hoje além de pais temos que ser um pouco professores (Mãe, grifos nossos).*

*Muitas vezes deixo trabalho de lado e atividades domésticas para ajudar ele é até evitar mais barulhos e distrações (Mãe, grifos nossos).*

*Eu faço o que posso, mas, não sei como devo me portar, não tenho os conhecimentos pedagógicos necessários (Mãe, grifos nossos).*

Com esses relatos, podemos perceber que o Coronavírus e a consequente realidade da quarentena nos mostra que não estamos mais falando de uma dupla jornada de trabalho,

na qual a mulher deve se dividir entre o trabalho remunerado e o trabalho doméstico, mas sim de uma tripla jornada de trabalho, pois como os relatos inferem, o fechamento das escolas trouxe às obrigações femininas um terceiro fator: o de ser professora. Fulvia Rosenberg (2012, p. 338) afirma que o principal motivo de se ter permitido às mulheres o acesso à educação é a ideia, comum no final do século XIX e início do século XX, de que “mulheres educadas são melhores mães” e de que é necessário educar as mulheres porque elas seriam “educadoras de homens, necessários à nação”. Logo, podemos inferir que a obrigação da educação dos/as filhos/as nunca saiu do leque de obrigações da mulher brasileira.

Porém, dar conta de um currículo estruturado pela escola e conseguir mediar o ensino da criança com as novas tecnologias propostas pelas instituições escolares no novo *homeschooling* é novidade, principalmente se levarmos em consideração que as mulheres da virada dos séculos XIX e XX não tinham o trabalho remunerado como opção. Portanto, não basta só ser mãe e dar conta do trabalho remunerado para garantir a renda familiar no final do mês, deve-se também ensinar conteúdos escolares para seu/sua filho/a.

No último relato apresentado a participante disse não ter “conhecimentos pedagógicos” para ajudar o/a filho/a nos estudos, o que nos levaria a compreender que uma mulher com conhecimentos pedagógicos teria maior facilidade.

Alicia Fernández (1994, p. 109, grifos da autora) afirma que

O trabalho doméstico é visto como inerente à natureza das mulheres; as mulheres estão naturalmente destinadas ao “cuidado” das crianças, e dentro deste cuidado entraria a tarefa de educá-las. Ao considerá-lo de tal modo, lhe é tirado o valor de trabalho produtivo, desvalorizando a tarefa em si, e a quem exerce. [...] Ao considerar o “cuidado” das crianças e sua educação como inerentes à “natureza” feminina, o trabalho docente passa por um esvaziamento. Tal situação o transforma em uma atividade não mediatizada, não criativa, não rentável, não produtiva e até invisível, como uma extensão do trabalho doméstico.

Podemos inferir, então, que as mulheres professoras caem em mais um estigma, ter a importância de seu trabalho, ou sua carga de trabalho doméstico, inferiorizado ou não relevado pelo fato de seu trabalho remunerado ser socialmente inferiorizado, na ideia de que por ser mulher, o ensino lhe é inerente, a formação pedagógica seria como uma “pós-graduação do ser mulher”. A tripla jornada, portanto, seria apenas dupla, pois seu trabalho confunde-se com o ensino do/a filho/a.

Contudo, obtivemos respostas que nos mostram que as mulheres docentes também encontram dificuldade em ser mãe-professora.

*A minha turma tem 25 alunos e é bem mais fácil dar aula do que para o meu filho. Perguntei a professora dele se ele incomoda na sala e ela disse que ele é muito educado e querido. É outra criança. Perguntei a ele “você faz isso com a sua professora?” Ele respondeu: “claro que não, lá tem meus amigos e é bem melhor” (Mãe professora, grifos nossos).*

*As atividades que são para duas horas tornam 4 horas facilmente. Ele brinca com tudo, tem que ficar voltando a aula, pause enquanto eu preciso elaborar aula e atender meus clientes, pois além de professora, sou terapeuta. Preciso cuidar da casa e fazer as refeições (Mãe professora, grifos nossos).*

*Despreparada, sobrecarregada com atividades que exigem meu tempo além da carga horária, preocupada em não estar cuidando dos filhos como deveria principalmente ajudando-os e apoiando. Com medo por estar em grupo de risco, e a todo momento sendo julgada e cobrada pelas equipes gestoras (Mãe professora, grifos nossos).*

Ou seja, as mulheres professoras não escapam dessa realidade da tripla jornada. O primeiro relato afirma ser mais fácil dar aula para 25 crianças do que para o filho, ora, retorna-se aqui a questão da maternidade romantizada, pois seu filho não a vê como professora, adulta estranha a quem vê 4 horas por dia, mas sim como mãe, figura comum, de cuidado, de nutrição, a relação será diferente, até mesmo a cobrança por parte da mãe será diferente, pois, em sua frente não está uma criança estranha, mas sim o - romântico - fruto de seu ventre, logo, como diria a sabedoria popular: “santo de casa não faz milagre”.

O último relato, reforça outra realidade comum às professoras nesse período de quarentena: a cobrança por parte da escola em que trabalha, pois dar aula remotamente é uma novidade da qual o corpo docente deve dar conta, dominar as novas tecnologias e as novas burocracias consequentes dessa nova realidade. Da noite para o dia, as professoras tiveram que sair da sala de aula, na qual o contato com as/os estudantes era intenso e migrar para o meio virtual. Viram-se obrigadas e cobradas por preparar aulas interessantes, atraentes e dinâmicas em um meio com o qual não estavam familiarizadas. Já não são somente professoras, são *youtubers*, influenciadoras digitais, especialistas em *lives* sem nenhum preparo para tal. Portanto, não há facilidade no ato de ensinar o/a filho/a pelo fato de ser uma educadora, a divisão entre os papéis de mãe, professora e trabalhadora remunerada permanecem, bem como a dificuldade em equilibrá-los.

Dada a desumanidade dessa tripla jornada de trabalho, algumas mulheres deixam uma dessas “jornadas” de lado.

*Tenho uma empresa que precisei deixar de lado. Moro com minha mãe 70 anos, uma tia com 82, um irmão deficiente e minha filha 10 anos. Tento tratar os assuntos da empresa a noite. Acordo, limpo a casa, tomo café das 6 às 8. Acordo minha filha dou café e acompanho as aulas com ela durante a manhã. Dois dias no colégio 2 dias no inglês. Faço almoço. A tarde me dedico a baixar o material e organizar, minha filha faz as tarefas, tira as dúvidas, o que eu não sei pergunto para os profes e pesquisamos, lavo e*



*passo roupas, mercado e farmácia para os idosos da casa no dia que minha filha não tem aula. **A noite tento trabalhar um pouco.** Estou sem nenhuma verba (Mãe, grifos nossos).*

***Reduzi meu tempo de trabalho** a fim de conseguir acompanhar os filhos nas aulas online e atividades propostas pela escola (Mãe, grifos nossos).*

*Eu já fazia home office de meio período antes da pandemia, no horário da tarde quando não havia ninguém em casa, porquê daí era mais fácil de realizar meu trabalho. Agora arrumo a casa quando consigo; praticamente o foco é alimentação então passo a maior parte do tempo na cozinha; como meu marido agora faz o trabalho dele em casa, **o meu trabalho foi empurrado para altas horas da noite**; passo o dia cobrando tarefas escolares do filho de 11, auxiliando no que posso, sendo psicóloga do de 17 que quer sair o tempo todo, comprando comida, intercalando afazer doméstico e **a noite fazendo meu home office** (Mãe, grifos nossos).*

***Minha filha usa o meu computador então não consigo trabalhar durante as aulas online.** Faço meu trabalho enquanto a criança está realizando a tarefa de casa e preciso dividir a atenção entre os dois. Além disso faço almoço diariamente, o que despende um tempo extra (Mãe, grifos nossos).*

*Já trabalho home office....no entanto, **está impossível realizar de maneira adequada meu trabalho**, pois fazia do turno que as crianças estavam na escola (Mãe, grifos nossos).*

Ao ler esses relatos, um termo nos vem à mente: “concessão”, a mulher deve conceder seu computador para a filha fazer a aula *online*, conceder o escritório para o esposo, conceder o tempo de trabalho remunerado às necessidades do filho adolescente, conceder a noite de sono ao trabalho remunerado. O terceiro relato surpreende, pois a participante já trabalhava em *home office*, logo, infere-se que a quarentena não traria tantas dificuldades, mas como agora o marido está trabalhando em casa e as crianças não estão na escola, ela não pode mais fazer o *home office*, ou seja, o trabalho remunerado dela foi posto em terceiro plano. A mulher é que tem que abrir mão de sua rotina, de sua carreira.

Percebe-se que as mulheres ou estão deixando de lado seu trabalho remunerado, abandonando-o, ou colocando-o em terceiro lugar, atrás do papel de mãe e professora. Esse fato nos remete aos tempos em que as mulheres não tinham a opção de trabalho remunerado, por estarem obrigatoriamente ligadas ao serviço doméstico e ao cuidado dos filhos. Hoje as mulheres podem trabalhar fora, mas a nova realidade as encadeia ao serviço doméstico e “ao ser mãe”.

Se referindo a década de 1950 no Brasil, Carla Bassanezi Pinsky (2012, p. 623) afirma que “era prática comum entre as mulheres que trabalhavam interromper suas atividades com o casamento ou a chegada do primeiro filho”. Mais de meio século depois vemos essa realidade se repetir com as consequências do Coronavírus, pois com o peso das obrigações junto ao ambiente doméstico e aos/as filhos/as, as mulheres optam por deixar de lado seu trabalho remunerado.

Lucas Bueno de Freitas (2019, p. 147), em pesquisa com estudantes do ensino fundamental em sua tese de doutorado, afirma que “o patriarcado<sup>7</sup> não acabou, pode ter se moldado ao desenvolvimento jurídico, midiático e político do país, porém continua atuante”, e os relatos que vimos até agora nos comprovam isso. Num momento de pandemia, em que o espaço público se define, a realidade da mulher converge para a encontrada nos “anos dourados do patriarcado” da virada do século XIX e XX, em que a liberdade da mulher era limitada judicialmente, justificada médico-higienicamente e romantizada midiaticamente.

Na realidade estamos vivendo em um neopatriarcado: neo porque não estamos mais falando em casamentos arranjados, roupas que cobrem todo o corpo, violência legalmente aceita em nome da honra, ou simplesmente domínio do pai (homem progenitor). Agora há leis que dificultam as ações dos agressores e novelas e programas de TV que engrandecem diariamente a independência da mulher e a igualdade de gênero, e patriarcado porque ainda há soberania masculina, soberania essa que retroalimenta-se. [...] O patriarcado trocou as rédeas legalmente materializadas por rédeas socialmente invisibilizadas, renovou-se... inovou-se... portanto temos um novo patriarcado, um neopatriarcado (FREITAS, 2019, p. 147).

Já às mulheres que tentam equilibrar essas três jornadas com essa nova realidade, surge a necessidade de reinventar-se, procurar diversas maneiras de reorganizar sua rotina e “dar conta” de tudo.

*Coloquei despertador pra tudo, se não me perco. Acordo, vou trabalhar. Despertador do 12h pra começar a fazer comida. 13:20 começar os estudos dele, normalmente volto a trabalhar. 15:30 intervalo pra ele, 16:00 retorno e as 18:00 acaba a aula, mas nem sempre o meu trabalho. Após eu vou fazer janta e lavar a louça, as demais obrigações de casa, **tenho deixado a desejar** (Mãe, grifos nossos).*

Nota-se que essa respondente encontrou na tecnologia algo que, teoricamente, facilitaria sua rotina, porém a sobrecarga de tarefas persistia e não a isentava do sentimento de culpa, pois, mesmo tendo todo o seu dia completo de atividades marcadas em despertador, ela afirma estar “deixando a desejar”. Nesse sentido, o ideal de maternidade, tal como posto por Vivas (2019), oscila entre a mãe sacrificada, a serviço da família e dos/as filhos/as, e a *superwoman*, capaz de alcançar tudo combinando trabalho remunerado, cuidados dos/as filhos/as e trabalho doméstico.

Betina Stefanello Lima (2013) apresenta o conceito de labirinto de cristal que consiste em obstáculos que se apresentam ao longo da trajetória acadêmica e profissional

---

<sup>7</sup> “O patriarcado é uma estrutura básica de todas as sociedades contemporâneas. Se caracteriza pela autoridade, imposta a partir das instituições, dos homens sobre as mulheres e seus filhos dentro da unidade familiar. Para que se exerça esta autoridade, o patriarcado deve dominar toda a organização da sociedade, da produção e consumo à política, o direito e a cultura” (CASTELLS, 2000, p. 159).

das mulheres e que, embora permitam enxergar do outro lado da parede, dificultam chegar lá. Com essa pandemia, algumas paredes deste labirinto se acentuaram, tornaram-se mais visíveis e tornaram a caminhada das mulheres ainda mais penosa.

Helena Hirata e Daniele Kergoat (2007) afirmam que para as mulheres trabalhadoras que insistem no movimento rumo ao espaço público, duas possibilidades se abrem nessa lógica capitalista flexível. Uma delas é (a) conciliação da vida familiar e profissional, o que seria a dupla jornada de trabalho; com os relatos que vimos até agora essa conciliação continua, até mesmo com a inserção de um terceiro fator, o ensino dos/as filhos/as. A outra possibilidade levantada por Hirata e Kergoat (2007) para que a mulher possa seguir rumo ao espaço público é (b) a delegação a outras mulheres a sua parcela de “obrigação” doméstica e familiar. Essa questão também foi levantada nos relatos.

*A rotina está complicada, pois tenho um filho que está tendo aula online e outro de 4 anos que não tem tantas atividades. Porém o pequeno quer ficar junto do irmão pois acha diferente e ao mesmo tempo **tenho as atividades de casa para fazer já que dispensei a diarista**. Estou fazendo mestrado e voltei a trabalhar. Tenho levado eles comigo para o trabalho e meus pais me ajudam a cuidar das crianças. E de noite quase de madrugada tento ler artigos, mas confesso que está difícil, pois já estou muito cansada!! (Mãe, grifos nossos)*

*Estou com muito trabalho em home office, a carga de trabalho aumentou. Também preciso manter a casa pois **dispensei a empregada**. Então nem sempre consigo dar essa supervisão. Mas peço que assistam os vídeos e façam as tarefas. Não consigo conferir. **Antes eu não precisava manter a casa porque tinha empregada** e só precisava supervisionar as tarefas de casa depois que eles vinham da escola. Hoje depois do horário do home office preciso me ocupar com as tarefas da casa, e ainda tento supervisionar o andamento do EAD no meio do expediente. Depois de fazer tudo que preciso me sinto esgotada e sem condições de conferir nada do EAD. (Mãe, grifos nossos)*

*Me sinto abusada, frustrada, perdida, pagando a conta disso tudo, por todos os lados. Então cobro crianças, brigo, e depois me sinto culpada. Já estão me ajudando bastante, coitados! **Sobrou pra todo mundo agora que a empregada não está vindo**. Mas não posso querer que eles sejam adultos de uma hora pra outra e além de me ajudar com a casa ainda sentem e fiquem a tarde toda na frente do computador, prestando atenção nas aulas e fazendo as tarefas com qualidade e sem dúvidas, porque não consigo ajudar, já que minha vida também está um caos por causa do home office. Meus filhos não estão aprendendo nada, e ainda preciso fazer o lugar do professor, e ter empatia. (Mãe, grifos nossos)*

O que podemos inferir desses relatos nos ajuda a vislumbrar o fato de que ter uma “empregada doméstica”, delegar a outra mulher suas “obrigações” não livra, quem delega, do anátema do “abandono familiar”, da incapacidade de cumprir seu “papel natural” de mulher, pois uma vez que a figura da “empregada”/“diarista” não se faz mais presente, a tripla jornada de trabalho a que nos referimos recai sobre a mulher. Nota-se, que dessas respondentes que citaram a dispensa da empregada doméstica obtivemos

relatos mais concisos, verdadeiros desabafos, pois algo que era facilitado com uma ajudante remunerada recaiu sobre elas. A pandemia trouxe a essas participantes novas formas de vivência, de relacionamentos, de organização doméstica e familiar, novas na rotina delas, mas históricas, enraizadas e persistentes na história das mulheres.

Não podemos deixar de inferir e ressaltar que essas empregadas domésticas dispensadas também são mulheres que provavelmente tem filhos/as em idade escolar, uma casa para sustentar, e perderam uma de suas rendas. Por mais que a questão de classe altere, talvez facilite a rotina, a categoria mulher foi atingida como um todo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos relatos apresentados pudemos perceber que a rotina das mulheres nestes tempos de pandemia, no qual o cotidiano de todas/os mudou drasticamente, de fato, “tá estressante demais”. Poderíamos dizer que está estressante e pesado para todas e todos, entretanto para as mulheres mães, a carga está ainda mais pesada.

Os depoimentos das participantes desta pesquisa evidenciaram que os impactos da nova rotina doméstica e laboral causada pela pandemia foram imensos e vão desde a mudança na rotina laborativa até a problemas de saúde como estresse, dores no corpo e cansaço (físico e emocional). Pudemos identificar e pensar que nesse período de distanciamento social não estamos mais falando de dupla jornada de trabalho, mas sim de uma tripla jornada de trabalho, pois as mulheres se veem obrigadas a dar conta: (a) de seu trabalho remunerado através do *home office*, (b) do trabalho doméstico, limpando a casa, fazendo comida e dando suporte emocional aos/às membros/as da família e (c) intercedendo junto aos/às filhos/as os conteúdos escolares.

Considerando apenas as três jornadas de trabalho a que estamos acostumados/as a pensar, a sobrecarga sobre as mulheres é imensa. Mesmo com intensa dedicação a essa tripla jornada de trabalho, surge nas mulheres um sentimento de culpa por não estar fazendo suas “obrigações” como deveriam, um sentimento de incompletude, e através de referencial, pudemos demonstrar que essas obrigações, bem como esse sentimento de culpa, ancoram-se, historicamente, na realidade de mulheres da virada do século XIX, o que nos mostra uma sequência histórica perversa, enraizada em uma sociedade patriarcal.

Em forma de protesto, Lola Aronovich (2017, online), feminista e pedagoga argentina, afirma em seu blog:

Eu sou uma mulher, e isso não é uma escolha, mas um fato. Porque “mulher” é uma realidade imposta a mim, do dia em que eu nasci e recebi um nome de mulher, ao dia em que eu tinha seis anos de idade e me disseram, em um dia escaldante de verão, que eu não podia tirar a camisa porque no futuro eu teria seios, até a noite passada, em que eu voltei para casa a pé, num estado de hiperatensão, com as chaves de casa apertadas firmemente entre os dedos, seguindo cada movimento de cada homem que andava na rua escura. Eu sou mulher porque, desde antes do meu nascimento, quando uma imagem de ultrassom informou aos meus pais que eu nasceria com uma vulva, eu fui educada para ser um membro da classe mulher, a classe reprodutora, a classe do sexo, a classe subalterna. Eu fui ensinada a sempre acomodar os outros e a falar de maneira mansa, a não chamar atenção para mim mesma e a poupar os egos e os sentimentos dos homens.

As participantes da pesquisa e muitas mulheres brasileiras podem afirmar que sabem que são mulheres porque, em tempos de pandemia, em que a família se vê limitada ao “ficar em casa”, se veem obrigadas a dar conta de seu trabalho remunerado, da limpeza de sua casa, da alimentação da sua família, do ensino de seus/suas filhos/as e ainda assim se sentem culpadas por não estarem fazendo certo, não estarem dando conta de tudo.

Após a análise dos depoimentos, somos levadas/os a concordar com Jane Felipe que, em *live* do projeto *Conversando sobre* realizada por Lindamir Salette Casagrande no *Instagram* no dia 12 de agosto de 2020, argumenta que as mulheres são submetidas a oito jornadas de trabalho e assim ela as nomeia: (1) mãe, (2) profissionais, (3) administradoras do lar, (4) estudantes, (5) cuidar da aparência, (6) cuidar das relações afetivas(marido/esposa, namorado/a), (7) cuidados com os/as netos/as e (8) cuidados com os/as idosos/as. Felipe (2020) nos lembra que todas estas jornadas requerem investimento de tempo, dinheiro e afeto e, mesmo que inconscientemente, recaem sobre os ombros de todas as mulheres que, muitas vezes, se sentem culpadas por não “darem conta” de atender a todas estas funções plenamente.

As mulheres, ao longo da história, tiveram que assumir múltiplas funções, entretanto este momento tão obscuro e incerto no qual estamos mergulhados/as ou fomos lançados/as de forma tão abrupta, escancarou as desigualdades que permeiam nossa sociedade e, de modo especial, as desigualdades de gênero. Quando alguém se vê obrigado/a abrir mão de suas conquistas, de seus espaços, de suas carreiras para o bem-estar da família, as mulheres são induzidas a fazê-lo. Esse fato se evidenciou nos depoimentos das participantes desta pesquisa. Esse eterno “renunciar” gera problemas físicos e emocionais nas mulheres e isso ficou evidente nos depoimentos aqui apresentados.

Talvez a consciência das mulheres desse fato, de que suas realidades - e seus carmas - não diferem tanto de suas irmãs históricas da virada do século XIX, seja o mote



de questionamentos sociais, questionamento do papel masculino no seio da família, e da importância do trabalho remunerado no processo de independência da mulher, que trarão novas possibilidades e quebras de paradigmas históricos à novas gerações de mulheres.

Está estressante para todos/as, mas as mulheres seguem carregando a cruz.

## REFERÊNCIAS

ARONOVICH, Lola. *Não quero ser e nem me pareço com um homem*. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com/2017/04/nao-querer-ser-e-nem-me-pareco-com-um.html>>. Acesso em: 06 de novembro de 2018.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BRUSCHINI, Cristina. Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? (Brasil, 1985/95). In.: ROCHA, Maria Isabel Baltar. (Org.) *Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios*. Campinas: ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDERPLAR/UFMG. São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 13-58.

CASTELLS, Manuel. *La era de la información*. Volumen III: El poder de la identidad. Cidade do México: Siglo XXI Editores, 2000.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias e conversas de mulher*. São Paulo: Planeta, 2014.

D'INCAO, Maria Angelo. Mulher e Família Burguesa. In.: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 223-240.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FELIPE, Jane. *Conversando sobre: Violência contra crianças em tempos de pandemia*. Curitiba, 12 de agosto de 2020. Instagram: @lindamirsalete. Disponível em: @lindamirsalete. Acesso em: 07/09/2020.

FERNÁNDEZ, Alicia. *A Mulher Escondida na Professora*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

FONSECA, Tânia Maria Galli. Utilizando Bourdieu para uma análise das formas (in)sustentáveis de ser homem e mulher. In.: STREY, Marlene Neves; MATTOS, Flora; FENSTERSEIFER, Gilda; WERBA, Graziela (Org.). *Construções e perspectivas em gênero*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2000. p. 19-32.

FREITAS, Lucas Bueno de. “*É que pra mim vocês são invisíveis*”: relações de gênero em aulas de ciências do ensino fundamental. 2019. 171 f. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2019.



HIRATA, Helena e KERGOAT, Danièle. *Novas configurações da divisão sexual do trabalho*. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, p. 595-609, set/dez. 2007.

LIMA, Betina Stefanello. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 85-105, p. 883-903, set./dez. 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos Anos Dourados. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 607-639.

RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, BRASIL 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ROSENBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e educação para as mulheres. In.: PINSKY, Carla. e PEDRO, Joana Maria. (org.) *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 333-360.

THOMPSON, Denise. *Radical Feminism Today*. Great Britain: SAGE Publications, 2001.

VIVAS, Esther. *Mamá desobediente: Una mirada feminista a la maternidad*. (ENSAYO) (Spanish Edition) . Capitán Swing Libros. 2019, 2 Ed. Edição do Kindle. Não paginado.